

**VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil**

GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em CT&I
Comunicação oral

**PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE QUESTÕES
EPISTEMOLÓGICAS NA LITERATURA ACADÊMICA EM
BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL¹**

***ACADEMIC LITERATURE ABOUT EPISTEMOLOGICAL ISSUES
IN LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE IN BRAZIL***

Leilah Santiago Bufrem

(Doutora em Ciências da Comunicação da USP e pós-doutora pela Universidad Autonoma de Madrid. Professora titular do Departamento de Ciência e Gestão da Informação, Coordenadora do Programa de Pós-graduação do Curso de Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Pesquisa e Perfil profissional em Informação, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura, práticas escolares e educação histórica e do Núcleo de Produção Científica (NPC) da Escola de Comunicações e Artes/USP. E-mail: leilah@ufpr.br)

Resumo: Analisa e discute o conceito de epistemologia e suas relações com a pesquisa no contexto da produção acadêmica representada por um *corpus* composto de 79 artigos de um universo de 18 títulos de revistas brasileiras da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, indexadas na base de dados BRAPCI, constituída por 4475 registros de 27 periódicos, no período entre 1970 e 2006. Verifica a incidência de pesquisas sobre o tema e as contribuições mais significativas ao desenvolvimento das atividades de pesquisa, assim como as principais relações entre elas e o discurso representado. A partir da análise de conteúdo dos temas relacionados ao conceito de epistemologia, organiza-os em categorias mais abrangentes, por ordem decrescente de sua presença no *corpus*. Conclui que os estudos analisados contribuem para o reconhecimento de suas peculiaridades, seus problemas, seus objetos e suas opções metodológicas, ensejando a necessária crítica do conhecimento na área.

Palavras-chave: Epistemologia. Biblioteconomia e Ciência da Informação. Produção acadêmica. Crítica do conhecimento. Atividade de pesquisa.

Abstract: This work analyses and discusses the concept of Epistemology and its relations with research, in the context of the academic production represented by a corpus composed by 79 articles from an universe of 18 Brazilian journals in the field of Library and Information Science, indexed in BRAPCI database and constituted by 4.475 records from 27 journals, in the period between 1970 and 2006. It verifies the incidence of researching studies on the theme and the most representative contributions for the development of researching activities, as well as the main relations between them and the represented discourse. As from a content analysis of the themes related to the concept of epistemology, it organizes them in more comprehensive categories, in a decreasing order of their occurrences in the corpus. It concludes that the analyzed studies contribute to the recognition of their particularities, their problems, their aims, and their methodological options, giving occasion to the necessary critic of the knowledge in this field.

Keywords: Epistemology. Library and Information science. Academic production. Critic of knowledge. Researching activity.

1 Introdução

A análise de pesquisas realizadas em áreas do conhecimento específicas vem sendo desenvolvida com o intuito de contribuir, tanto para reflexões sobre o avanço e as tendências da pesquisa nos contextos teórico e prático em que se desenvolve, quanto para alimentar os processos de avaliação institucional. Estudos do gênero enfocam o contexto teórico e empírico da área, a evolução e as relações temáticas entre categorias de estudo, as manifestações e modos de apresentação dos artigos, assim como os tipos de contribuição dos autores nos domínios de conhecimento que concorrem para a produção no domínio específico sobre o qual se debruçam.

Neste estudo pretende-se analisar a produção acadêmica sobre questões epistemológicas no cenário da literatura periódica em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) publicada no Brasil. O trabalho implica identificação e análise do conceito e suas relações temáticas em artigos de revistas nacionais especializadas, assim como de suas relações com a evolução da literatura na área. Como domínio do conhecimento, a epistemologia tem sido discutida na literatura científica em todas as áreas, impondo-se como objeto de reflexões cujos desdobramentos permitem uma compreensão mais precisa da evolução do campo específico ao qual se relaciona.

Adota-se o pressuposto de que a análise sobre as relações entre a epistemologia e a temática da pesquisa acadêmica expressa na literatura científica repercute em âmbitos como o da renovação dos saberes e das práticas a eles relacionadas. Por outro lado, o conhecimento em construção e as características mais destacadas na área revelam as transformações do campo BCI e seus desdobramentos. Embora apresentem evolução ascendente na literatura, como se pode observar na análise dos resultados, tais estudos têm instigado reflexões sobre questões propostas a partir de suas conclusões. Assim, a crença de que um objeto de conhecimento constitui-se simultaneamente às contribuições dos pesquisadores para sua inserção em determinado domínio científico orienta os esforços deste estudo.

A análise de uma construção científica permite verificar não somente a incidência de estudos sobre o tema, mas também as contribuições mais significativas para o desenvolvimento das atividades de pesquisa e, como diria Lloyd (1995, p. 38), “melhor compreender as explicações e o emprego de arcabouços que incluem pressupostos metodológicos e filosóficos”. Isso porque tais conjuntos de idéias e crenças a respeito do mundo e do modo como o conhecemos pertencem aos domínios do conhecimento, produtos da história, da teoria e da descoberta científicas ao longo dos séculos.

Parte-se da evidência de que a grande área relativa às ciências cujo objeto é a informação tem sido marcada pelo debate sobre questões relacionadas às delimitações de seus campos correlatos – Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação, Gestão da Informação e Museologia – assim como de seus campos limítrofes, destacando-se a Informática, a Administração, a Economia, a Educação e a Psicologia, os quais, quer por seus conteúdos disciplinares, quer por suas relações e influências, interagem na ação transformadora do processo de pesquisa. Destaca-se, desse modo, a afluência de questões contextuais como contribuição aos estudos de natureza epistemológica.

Em continuidade às análises que têm sido desenvolvidas sobre a base de dados BRAPCI, constituída por 4475 registros de artigos de revistas científicas brasileiras da área de BCI, este estudo, de caráter analítico-descritivo, volta-se a um *corpus* composto de 79 artigos das 27 revistas indexadas na base². São analisados os artigos do período que inicia em 1972, quando das primeiras considerações sobre o tema epistemologia, até o ano de 2006.

Ao focar os artigos que, direta ou indiretamente expressam a contribuição da epistemologia ao processo histórico de construção do conhecimento na área, analisa-se principalmente as relações mais evidentes para sua consolidação. Desse modo, espera-se

contribuir para o processo analítico e crítico da produção científica na área, sem entretanto esgotá-lo, dada a amplitude de aspectos que vêm sendo apresentados na literatura.

Os itens representativos dos textos foram inseridos em uma base de dados denominada *BREPIS*, utilizando-se do software ProCite, versão 5.0 do *Institute for Scientific Information*, um programa para armazenamento de dados referenciais, projetado para o ambiente Windows e Macintosh. A análise bibliométrica das referências e resumos incorporados na base proporciona a identificação para posterior análise e caracterização dos números de artigos publicados, autoria, idioma e palavras-chaves. Os descritores foram cotejados com os do Tesouro em Ciência da Informação do IBICT/CNPq, 1989, versão preliminar e submetidos a uma adaptação para se adequarem ao vocabulário livre atribuído pelos autores dos artigos.

2 Repensando o conceito de Epistemologia

O conceito de epistemologia constitui-se por um lado numa categoria histórica e teoricamente construída e, por outro, numa concepção filosófica tradicionalmente aceita. O termo tem sido utilizado para representar diferentes concepções, entre elas a de teoria do conhecimento e a de teoria da ciência. Embora evidenciada na literatura a percepção de que nem sempre coincidem os significados do termo, pode-se trabalhar com o *corpus* selecionado no sentido de compatibilizar conhecimentos e perceber as nuances diferenciadoras dos conceitos.

Assim, partindo-se do termo epistemologia, originado do grego, *teoria da ciência*, tem-se sua definição literal e, dela decorrente, a definição filosófica como “estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências, destinado a determinar a sua origem lógica, o seu valor e a sua importância objetiva” (LALANDE, 1999, p. 313).

Se reconhecidos os desdobramentos históricos da evolução científica a partir do século XVIII (BLANCHÉ, 1972, p. 5), verifica-se que o termo ciência passa a adquirir um sentido mais estreito, para representar conceitos relacionados ao processo e aos produtos decorrentes da prática científica, tais como academia de ciência, cultura científica, aplicações da ciência e todos os demais derivados dessa concepção. A partir de então, os termos ciência e conhecimento adquirem sentidos complementares, entretanto não idênticos, embora dicionaristas como Abbagnano tratem os termos epistemologia, teoria do conhecimento e gnoseologia como sinônimos. “Todos têm o mesmo significado” afirma o autor, para quem os termos não indicam uma disciplina filosófica geral, mas o “tratamento de um problema que nasce de um pressuposto filosófico específico, isto é, no âmbito de uma determinada diretriz filosófica” (1970, p. 160).

Ao defini-lo como estudo da ciência, destaca-se aqui uma orientação diferenciada, seguindo Lalande (1999, p. 314), segundo a qual a epistemologia é uma filosofia das ciências, pelo que se distingue da teoria do conhecimento, da qual serve, contudo, como introdução e auxiliar indispensável. A teoria do conhecimento, por sua vez, é o estudo que incide sobre a natureza, o processo e o alcance do conhecimento humano.

Adotando-se a distinção, procurou-se evidenciar na literatura periódica na área de CI, não apenas estudos sobre o tema epistemologia, mas aqueles orientados para questões concernentes à filosofia e natureza da CI, assim como suas relações mais evidentes com o conhecimento e a pesquisa. Ao se considerar a epistemologia da CI retoma-se a preocupação de Japiassu (1992), sobre a construção de uma epistemologia das ciências humanas e sua distinção entre os três tipos de epistemologia: a *epistemologia global* ou geral que trata do saber globalmente considerado, com a virtualidade e os problemas do conjunto de sua organização, quer sejam especulativos, quer científicos; a *epistemologia particular* que considera um campo particular do saber, quer seja especulativo, quer científico e a

epistemologia específica que trata de levar em conta uma disciplina intelectualmente constituída em unidade bem definida do saber e de estudá-la de modo próximo, detalhado.

Embora este estudo seja voltado a um campo particular do saber e, portanto, se enquadre na categoria *epistemologia particular*, impõe-se considerar que as outras duas categorias estarão presentes quando da análise de conteúdo dos artigos participantes do *corpus*, especialmente pela característica da área de BCI, cujo domínio se constrói integrado aos saberes necessários a sua construção científica.

3 Expressões concretas das reflexões sobre o tema na literatura

A construção da base BRAPCI exigiu a definição de critérios relativos ao universo a indexar. Para a identificação dos títulos indexados foi consultada a Lista Qualis de Periódicos da área de Ciências Sociais Aplicadas, disponibilizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no endereço eletrônico: <http://www.capes.gov.br>. Esse expediente, aliado à busca no Catálogo Coletivo Nacional (CCN) e nas bibliotecas universitárias e institucionais, ensejou uma visão geral da produção editorial da área e a identificação dos títulos que:

- a) não são mais publicados, caso da *Arquivo & Administração*; *Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação*; *Informare - Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação*; e *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, que foi publicada normalmente até 1990, encerrou no período de 1991 a 1994, foi retomada em 1995 e novamente interrompido a partir de 1997;
- b) mudaram de nome, como a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, que passou a se chamar *Perspectivas em Ciência da Informação*; o periódico *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, que passou a se chamar *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*; a *Revista de Biblioteconomia do Maranhão* foi substituída pela *Infociência*; a *Revista do Departamento de Biblioteconomia e História* mudou o nome para *BIBLOS: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História*; e o periódico eletrônico *ETD - Educação Temática Digital*, que inicialmente era *Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins*;
- c) foram interrompidos por um período e voltaram a ser publicadas com acréscimos no nome, como a *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, que retornou como *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: Nova Série*.
- d) mudaram de endereço, caso da revista *Ciência da Informação*, que inicialmente era publicada no Rio de Janeiro e que, a partir de 1980, passou a ser publicada em Brasília;
- e) alteraram a periodicidade, como a *Ciência da Informação*; *Perspectivas em Ciência da Informação* e *Transinformação*, que inicialmente eram semestrais e atualmente são quadrimestrais. Caso também da *Informação & Sociedade: Estudos* que de anual mudou para semestral e atualmente é quadrimestral e da *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, que iniciou como publicação trimestral e agora é semestral.

São 18 os títulos de revistas constantes do *corpus* específico agregador dos 79 artigos, entre as quais dezesseis estão classificadas no Qualis. Entre as duas não incluídas nesse sistema de avaliação, a *Informare* é considerada histórica e traz importantes contribuições científicas. Quanto à *Arquivística.net* é revista cuja data de início de publicação, 2005, ainda não a enquadra nos critérios para essa inclusão.

Paralelamente ao trabalho de construção da base, foi ampliado o corpus para 27 títulos

de revistas de BCI, em prol de sua completeza, o que veio a se refletir no acervo da Biblioteca do Setor de Ciências Sociais Aplicadas (BSCSA) da Universidade Federal do Paraná, como depositária dos periódicos da área, de modo a repercutir junto às comunidades interna e externa. Os fascículos não encontrados foram solicitados aos editores ou, após localização no CCN, a outras bibliotecas, para que fossem preenchidos os dados de acordo com os campos definidos para a sua representação na base.

As contribuições ao aperfeiçoamento e crescimento da base vêm se expressando em comunicações efetivadas com a equipe do projeto. Importa salientar, nesse caso, que a qualidade almejada não se pode expressar apenas pelo valor quantitativo dos artigos indexados na base, mas principalmente pela inclusão de revistas que, embora não estejam todas relacionadas no Qualis, são expressões da literatura na área. Entre essas, algumas são consideradas históricas, tais como as revistas *Arquivo e Administração*, *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, *Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação* e *Informare*. Algumas revistas, lançadas recentemente, foram incorporadas à base, pois embora não atendam ainda aos critérios Qualis, são representativas de uma produção ainda incipiente. Além disso, a base oferece possibilidades ao pesquisador de realizar recortes, delimitando o universo a ser analisado conforme seus propósitos e abrangência de sua pesquisa, como por exemplo, quando se dirige ao universo da produção científica da área, poderá restringir seu recorte aos títulos científicos *stricto sensu*.

Os resultados preliminares indicam a presença do tema epistemologia em 79 dos 4475 artigos publicados nas revistas de BCI editadas no Brasil entre 1970 e 2006. A estratégia de busca apoiou-se em termos relacionados ao tema tais como: *Epistemologia*; *Teoria do Conhecimento*; *Gnosiologia*; *Ciência da Ciência*; *Filosofia da Ciência*; *Teoria da Ciência*; *Teoria da Ciência da Informação*; *Filosofia do Conhecimento e História da Ciência*. Os artigos foram recuperados por esses termos nos campos de títulos, palavra-chave e resumos, razão pela qual alguns artigos que tratam do tema de forma periférica podem não ter sido incluídos na análise.

Construído o corpus, formado pelo elenco temático a partir dos descritores e da leitura dos resumos dos artigos, partiu-se para a síntese temática, sem prejuízo da diversidade dos conceitos representados, chegando-se a oito (8) categorias mais abrangentes, sempre relacionadas contextualmente com os conceitos identificados (Gráfico 1): Epistemologia da Ciência da Informação; Ciência: natureza e filosofia; Modelos e paradigmas epistemológicos; Organização e Representação do Conhecimento; Pesquisa e metodologia científica; Teoria do Conhecimento; Epistemologia da Complexidade e Epistemologia Social.

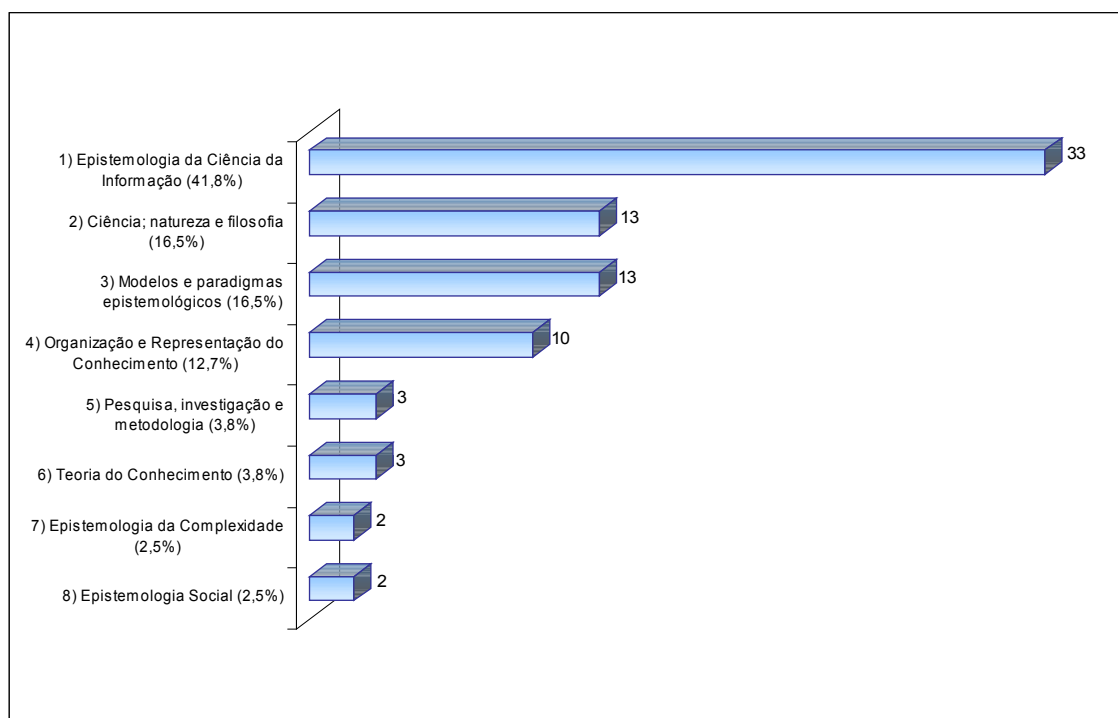


Gráfico 1 – Distribuição de artigos sobre epistemologia nas categorias
 Fonte: a autora de acordo com a base BRAPCI

3.1 *Epistemologia da Ciência da Informação*

A categoria *Epistemologia da Ciência da Informação*, acolhendo a própria história da Ciência da Informação, foi a mais representativa, com 33 artigos indexados. Eles revelam a preocupação dos estudiosos sobre a natureza da ciência da informação e seu estatuto científico, tendência pela primeira vez enunciada por Zaher e Gomes (1972), apontando para as novas formas de registro de informações, do que resultou a ampliação do âmbito da Bibliografia, levando ao aparecimento da Documentação. Segundo as autoras, necessidades sociais exigiram maior especificidade no tratamento de informação para cuja solução novos tipos de especialistas e novas tecnologias passaram a ser desenvolvidas originando a Ciência da Informação. Esta, como disciplina científica, passa a considerar Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação como suscetíveis de aplicar os resultados de suas investigações. Outro artigo da década de 1970, sobre temas abordados no Curso de Metodologia do Ensino em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, entre eles a situação epistemológica da biblioteconomia e documentação (POLKE, 1978). Essa primeira reflexão ensejou outro estudo, na década seguinte, originado no Curso de Mestrado da mesma escola, cujas considerações acerca da biblioteconomia privilegiam sua posição epistemológica (ANDRADE; METCHKO; SOLLA, 1981).

A tendência amplia espaço no final da década, com dois artigos sobre a conceituação da documentação, definida como atividade linguístico-informativa nos âmbitos científico e profissional. Num deles Gutiérrez (1988) analisa conceito de Documentação e sua complexidade, enquanto no outro, também com foco na documentação, Moreiro-González (1989) parte do paralelismo que se estabelece entre História e Documentação, em razão do objeto “documento”, para defender a possibilidade de fazer um estudo usando um método histórico e argumentando sobre a possibilidade de analisar a documentação como realidade processual.

Na década de 1990 a categoria amplia sua expressividade, reiterando-se a preocupação

com a epistemologia e os paradigmas da biblioteconomia. Ao privilegiar um enfoque semiótico para o estudo, Rendón-Rójas (1996) distingue a informação sintática, a informação semântica e a informação pragmática, defendendo essa última como eixo para abordar a análise epistemológica da Biblioteconomia. O artigo citado é discutido no mesmo ano e na mesma revista por Cintra (1996), com destaque para os temas subjetividade e interdisciplinaridade.

É ainda nessa década que se pode perceber a mudança de enfoque para o estudo da CI, especialmente em relação à explicitação e formação de conceitos relacionados ao seu campo de ação. A teoria da CI é objeto de reflexão de Mostafa e Murguia Marañon (1993), que discutem as falácias na conceituação e delimitação desse campo, em resposta a um artigo de Alvin Schrader, de 1986.

Tendo como objeto a formação de conceitos, dois artigos dessa década referem-se à ruptura epistemológica e ao obstáculo epistemológico, respectivamente o de Galvão (1998) e o de Nehmy e Paim (1998). No primeiro, a autora argumenta que a construção de conceitos interfere na ruptura epistemológica de uma ciência com o senso comum e contribui para o desenvolvimento de modelos científicos voltados a observação, descrição e interpretação dos objetos teóricos e empíricos de um campo do conhecimento. Para integrar o campo científico, como indica o termo, a ciência da informação “deve assumir uma postura diferenciada diante das metodologias científicas e, mais especificamente, da construção de conceitos” (GALVÃO, 1998, p. 46).

O artigo de Nehmy e Paim (1998) explicita como principal referencial a utilização das categorias analíticas – estádios de um conceito e obstáculo epistemológico de Bachelard – ao tratar da desconstrução do conceito de “qualidade da informação”. Constata que a desconstrução das noções relativas à avaliação da informação constitui-se passo necessário para o redirecionamento da construção conceitual, de modo a sintonizar-se com as exigências do novo momento tecnológico e social (NEHMY; PAIM, 1998).

A preocupação com os fundamentos teóricos da área está representada ainda em dois trabalhos da década. As autoras do primeiro refletem sobre as origens, nascimento, evolução e estágio atual da ciência da informação, recuperando seus principais teóricos e respectivas correntes de pensamento, a interdisciplinaridade, as dimensões tecnológica e social da nova área, assim como a introdução da ciência da informação no Brasil (PINHEIRO, LOUREIRO, 1995). São questionadas, no segundo estudo, as opções oferecidas em cursos de formação em termos de referenciais teóricos, argumentando ser o referencial teórico de uma ciência o elemento propulsor para a discussão de correntes epistemológicas (MOSTAFA, MOREIRA, 1999).

A possibilidade de superar limites teórico-epistemológicos da bibliometria é analisada por Alvarenga (1998), que levanta e discute as relações entre a arqueologia do saber de Foucault e a bibliometria, propondo categorias de análise comuns a ambas as áreas.

Com o intuito de apresentar uma construção epistemológica recente no campo da sociologia, antropologia, psicanálise, educação, dentre outras áreas, Esmeraldo (1997) procura instigar o debate sobre o uso da informação numa perspectiva transformadora, voltada para a formação, utilizando como categoria de análise – o Gênero.

No final dessa década é publicado um artigo indiciático para compreender o extraordinário crescimento da produção sobre o tema epistemologia e seus correlatos na década seguinte. Nele, Zandonade (1999) descreve a origem do Grupo 8 - *Epistemologia*, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, cujo objetivo foi acolher os trabalhos que foram sendo submetidos nos encontros. Define o termo epistemologia como uma crítica do conhecimento científico e que tem como objeto de estudo as ciências.

Assim, já na década de 2000 há 18 artigos, do total de 32 voltados à epistemologia da

CI, destacando-se primeiramente as tentativas de explicitação dos posicionamentos teóricos no processo histórico.

Sucedem-se, nessa linha, o de Moraes (2002), sobre os pioneiros da CI nos Estados Unidos, baseado num índice da *American Society for Information Science and Technology* (ASIS&T); o de Francelin (2004), sobre a configuração epistemológica da CI no Brasil numa perspectiva pós-moderna, como reflexo das revoluções científicas ocorridas no final do século XIX e início do século XX; o de Ortega (2004), enfocando as relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação; o de Pinheiro (2005), com uma análise do processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação; o de Freire (2006) e o de Thiesen (2006), relacionando informação, memória e história para analisar a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. Embora os cinco trabalhos revelem objetos e enfoques diversos, é de salientar o esforço comum pela recuperação histórica do domínio científico da CI, assim como a tentativa de explicitar o arcabouço de fundo constituído pelas idéias compartilhadas, ou ainda não, pela comunidade de especialistas da área.

Moraes (2002) volta-se a reflexões e comentários de expoentes da CI sobre suas carreiras, sistematizando-as como indícios para a história da CI nos EUA e em outros países.

Francelin (2004) elabora uma contextualização da CI no cenário científico da pós-modernidade, cujos resultados distribuem-se em 23 categorias de análise para evidenciar o arcabouço de fundo da CI. Analisa 37 artigos de periódicos da área no Brasil, do período de 1972 a 2002, constatando que pouco se discutiu sobre as características relacionadas ao pensamento filosófico científico na pós-modernidade.

As relações entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação são apresentadas por Ortega (2004) sob o ponto de vista dos processos de organização da informação em sua evolução. Ao analisar a constituição destas áreas nos Estados Unidos e Europa, em especial do final do século XIX até metade do século XX, a autora relata as distinções culturais decorrentes destas origens e seus desenvolvimentos, apontando a relevância, atualidade e contribuição dos estudos e experimentos europeus para a constituição da CI.

Construindo uma cronologia para analisar a evolução da CI desde o seu surgimento, Pinheiro (2005) ressalta as principais contribuições de teóricos e especialistas da área, sobretudo nos aspectos conceituais e metodológicos, sob abordagem da Epistemologia Histórica, destacando correntes de pensamento e transformações da área, além de desdobramentos interdisciplinares e epistemológicos.

Ao tratar dos fundamentos do campo científico da informação, Freire (2006) parte da hipótese de que as bases da CI originam-se do paradigma do conhecimento científico – apoiado na invenção da imprensa – institucionalizado com a criação das primeiras associações científicas. As raízes históricas da CI são recuperadas, desde a “utopia planetária” de Otlet e La Fontaine, até as perspectivas no futuro. Argumenta que, para superar dificuldades conceituais, a Ciência da Informação deve buscar a construção de uma rede tecida a partir do olhar das várias disciplinas com ela relacionadas.

Para Thiesen (2006), que encerra o ciclo de artigos sobre posicionamentos teóricos no processo histórico, é possível identificar as condições de formação da CI em diferentes instâncias e épocas que tornaram possível a consolidação de um conjunto de saberes, instituídos e articulados às demandas sociais e políticas que legitimam seu nascimento. Ilustra com a história do sistema prisional produzido na Corte do Rio de Janeiro, analisando seus dispositivos institucionais de controle e vigilância.

Integram-se a um conjunto voltado às reflexões sobre os fundamentos teóricos e epistemológicos de BCI os estudos de Gonzáles de Gómez (2001), de Freire (2003 e 2004), de Matheus (2005), de Bufrem (2004) e de Freitas (2004).

No mundo contemporâneo, a ciência da informação é parte de um campo de discursos acerca do conhecimento e da informação denominado por González de Gomes (2001) como uma formação social de meta-conhecimento, cujas possibilidades de conhecer são ao mesmo tempo objeto de reflexão epistemológica e sintoma de mudança do estatuto da própria epistemologia.

Essa tendência ao auto-conhecimento está também presente nos artigos integrantes desse conjunto voltado aos fundamentos epistemológicos da CI, como os de Freire (2003; 2004), no quais ela defende o olhar da consciência possível sobre o campo científico. Seu objeto de estudo foi o artigo em que G. Wersig e U. Neveling (1975) propõem um fundamento social para a ciência da informação e encontram indícios de que os autores compartilhavam com outros cientistas uma visão socialista da ciência da informação, antevendo a relevância da informação para todos os grupos sociais na sociedade contemporânea. Nesse contexto, a proposição de uma "responsabilidade social" é retomada como fundamento à práxis dos cientistas da informação (FREIRE, 2003; FREIRE, 2004).

Ao apontar para o estado de ambigüidade conceitual relacionado aos termos organização e gestão do conhecimento ou do saber, Bufrem (2004) argumenta que ele é reforçado por duas ordens de fatores: uma relacionada à recente estruturação do campo da CI e outra à evolução do campo de atuação profissional na área, a partir da expansão do modo capitalista das relações sociais e de trabalho, ambas afetando as formas de expressar idéias em palavras. Considera que representar conhecimentos envolve compromissos contraditórios sob a dupla pressão de fatores ideológicos e de imperativos tecnológicos.

Em busca do discurso dominante da CI sobre a condição da informação na contemporaneidade Freitas (2004) mapeou a freqüência de recortes discursivos em títulos da produção acadêmica nacional da área, além de idêntico levantamento na Base de Dados Bibliográficos LISA, para a produção internacional. Constata que o discurso da CI, após um relativamente breve acolhimento de questões ligadas ao sócio-cultural, volta-se para sua antiga abordagem operacional, porém privatizando mais seus objetos e objetivos de trabalho, aproximando perigosamente seu discurso acadêmico dos funcionamentos discursivos neoconservadores dominantes.

Após analisar a obra de Rafael Capurro no que diz respeito à CI, Matheus (2005) destaca suas contribuições para a área. Como alternativas à sua avaliação de que a hermenêutica seria o único paradigma disponível para a área, sugere que a pesquisa deva se concretizar por meio de programas interdisciplinares, com abordagens filosóficas, teóricas e práticas, agregados em torno de temas, ou problemas, para apoiar a coexistência prolífica de abordagens orientadas para a tecnologia, para o usuário e para a sociedade (MATHEUS, 2005).

Em prol de uma ciência formativa e indiciária, Araújo (2006) apresenta uma proposta epistemológica para a CI, considerando-a um “fazer científico” que se estrutura na ciência moderna, em termos teóricos e metodológicos e nas tecnologias da informação, em termos aplicados. Tal configuração não garantirá o pleno desenvolvimento da CI enquanto campo de conhecimento, pelo que propõe os conceitos de *ciência formativa*, baseado no princípio dos três estados do espírito científico de Bachelard (1996) e de *paradigma indiciário* de Ginzburg (1991), como as bases teóricas e metodológicas para uma epistemologia da CI.

Estudos sobre o objeto da CI e o modo de abordagem interdisciplinar são desenvolvidos por três autores, Sirihal e Lourenço (2002), Dumont e Bruno (2003) e Campos e Venâncio (2006).

No primeiro deles, reconhecidas as dificuldades conceituais da CI para definir os conceitos de Informação e de Conhecimento, são trabalhados os dois conceitos de modo a colaborar para uma maior consolidação teórica da CI que, por ser uma ciência interdisciplinar, requer abordagem sob dois enfoques: o da Filosofia e o da CI, o que contribuiu para um maior

desvelamento e embasamento histórico destes termos.

A oportunidade de diálogo entre a ciência da informação e outras áreas do conhecimento é também enfatizada por Dumont e Bruno (2003). Como campo de conhecimento em formação, cujas características sugerem a perspectiva complementar de encaminhar e responder questões que suscitam sua intervenção, compartilha objetos de estudo com outras disciplinas, ensejando condições favoráveis à promoção do diálogo transdisciplinar.

O tipo de abordagem holística e interdisciplinar é defendido por Campos e Venâncio (2006), em estudo sobre o objeto de estudo da CI com o argumento de que devem ser contempladas suas múltiplas dimensões: a sociológica, a situacional, a política, a filosófica, a lingüística, a emocional, a cultural, a histórica e a epistemológica. Argumentam que os conceitos e a metodologia de Foucault são considerados um meio efetivo de constituição de objetos de estudos integrados.

Os dois últimos estudos da categoria são voltados aos aspectos da pesquisa e aprendizagem relacionados com a CI. Em *A metamorfose do aprender na sociedade da informação* Assmann (2000) considera o papel crescentemente ativo das novas tecnologias da informação e da comunicação na configuração das ecologias cognitivas, que facilitam experiências de aprendizagem complexas e cooperativas. As redes e a conectividade favorecem a sensibilidade solidária, em contexto que requer um pensamento transversal e projetos transdisciplinares.

A elaboração de uma proposta de estrutura sistemática das principais teorias de base, autores e linhas de pesquisas potenciais, relacionados à resolução de problemas conceituais ou aplicados da CI com base na literatura, é organizada por Riecken (2006) para estimular o desenvolvimento de estudos e pesquisas e a ampliação do número de autores e de produtos.

Completa-se, com expressiva variedade, como pode ser observado pelos trabalhos que a integram, a categoria relativa à epistemologia da CI, de caráter predominantemente teórico e revelando que os objetos tratados, embora coincidentes em muitos estudos, foram alvos de enfoques e tratamentos diversificados, como que a desvendar possibilidades múltiplas e uma complexa estrutura de raciocínio, convergindo para certa coerência pragmática.

3.2 *Ciência: natureza e filosofia*

A segunda categoria mais expressiva no conjunto das pesquisas refere-se à *Ciência, sua natureza e filosofia* com 15 artigos, incluindo-se entre eles estudos sobre a chamada ciência da ciência, o conhecimento, a produção e a comunicação científicos.

Observa-se entre esses estudos uma incidência significativa do tema produção científica, considerado tanto como objeto de avaliação, como para fundamentar a política científica, seja em seus aspectos sociais, demográficos e econômicos, seja relacionada com as estruturas históricas e sociais em que se insere e para as quais contribui.

Ao desvendar o pensamento de Derek de Solla Price, Braga (1974) destaca o acervo de pesquisas do autor, um conjunto de estudos voltados à produção e comportamento científicos e às redes de citações bibliográficas, que além de revelar uma dimensão inédita para os estudos bibliométricos, descreve a natureza da ciência, da comunicação e da produtividade científica por meio de leis internacionalmente aceitas. Discute o mérito de estabelecer fundamentos para a política científica e tecnológica, hoje internacionalmente utilizados para representar adequadamente a produção científica.

São realizadas por Morel (1977) e Morel (1978) reflexões sobre esse tipo de estudo e sua contribuição para o conhecimento e divulgação do que se produz em áreas específicas do saber científico, ao ensejo de uma análise quantitativa da produção científica brasileira em trabalhos científicos publicados nas revistas indexadas pelo *Institute for Scientific Information* (ISI). A evolução desta produção e a relação produção versus população são

comparadas a diversos países (MOREL; MOREL, 1977, 1978).

O tema é retomado por Santos (2003a e 2003b) nas reflexões sobre os indicadores estratégicos em ciência e tecnologia, a prática de seu uso como dispositivo de inclusão/exclusão. Assim como questionados tanto o objeto de medida quanto a justificativa para medir. A atividade científica como construção social complexa requer, segundo o autor ousadia e altos investimentos, pelo que previne contra a concentração e o monopólio econômico dos seus resultados, materializando-se no efeito São Mateus.

A comunicação científica e os canais de comunicação ganham presença no artigo de Cavalcanti (1982) sobre a interface da pesquisa científica com os sistemas gerais de informação. Argumenta que a informação requer maior especificidade para se chegar ao conhecimento do estado atual da questão: o acesso a este conhecimento, em campos específicos ou interdisciplinares, será o elo entre uma ciência do processamento da informação, seus elementos, sistemas e técnicas e uma Ciência da Ciência.

“A rigor, os conhecimentos e as histórias de seus desenvolvimentos poderiam ser descritos e narrados desde o ponto de vista das tentativas de controle da ‘explosiva’ diversidade que o mundo nos apresenta” afirma Paternostro (2003, p. 1), para quem a história das sistematizações e das estatísticas se confunde com a mesma história das ciências.

Aspectos históricos da comunicação científica são abordados no trabalho de Freitas (2006), uma análise dos periódicos da área de ciências publicados no Brasil no início do século XIX, entendendo-os como um dos pilares da institucionalização da ciência no país. São avaliados os principais veículos das artes e das ciências no Brasil até a década de 1830, a fim de considerar suas condições de surgimento e características.

A origem da ciência, seus desdobramentos e teorias científicas relacionam-se, modificando-se e distinguindo-se nas múltiplas interpretações que oferecem. Ao analisar a ciência, o senso comum e as revoluções científicas, suas ressonâncias e paradoxos, Francelin (2004) revisa aspectos da constituição do conhecimento científico, a partir de conceitos como o (novo) senso comum e outras discussões (Thomas Kuhn e Karl Popper) sobre as revoluções científicas. Estabelece que a gênese científica relaciona-se às manifestações cotidianas, modificando-se e distinguindo-se em suas múltiplas interpretações.

Figueiredo (1992) volta-se para o campo dos saberes psicológicos, que considera um campo de dispersão e, portanto, atravessado e constituído por um feixe de divergências que se situam em diferentes planos: no plano ontológico, no epistemológico e no ético. Defende ser preciso conservar a diversidade na unidade e a unidade na diversidade, ou seja, reconhecer e respeitar as diferenças em toda a sua complexidade e radicalidade e ao mesmo compreender sua organização interna, suas origens e suas implicações, colocando-as continuamente em debate.

Uma filosofia da ciência apoiada na filosofia mestiça de M. Serres e na antropologia das ciências de Bruno Latour é proposta tendo como fio condutor o conceito de rede. Essa filosofia trata a ciência como bricolagem, prática díspar e heterogênea (MORAES, 2000).

A interdisciplinaridade, relacionada a temas como a filosofia e à especialização é tomada primeiramente como o possível diálogo entre as ciências, conduzido pelo processo metodológico da Filosofia, para Campestrini, Vandressen e Paulino (2005), que indagam sobre o objeto de estudo da filosofia e seu caráter interdisciplinar defendendo que a interdisciplinaridade é a visão epistemológica mais adequada para se pensar a construção, seleção e transmissão do conhecimento.

Retomando o tema interdisciplinaridade sob o aspecto da equivocidade que envolve seu conceito, Pombo (2005) propõe a estabilização do sentido da palavra, argumentando que como manifestação de uma transformação epistemológica em curso, a interdisciplinaridade tem como consequências principais o alargamento do conceito de ciência e a transformação da universidade.

3.3 Modelos e paradigmas epistemológicos

A discussão a respeito da insuficiência das linguagens de classificação e conseqüente defesa de modelos ou sistemas mais ágeis, favoreceu historicamente um clima epistemológico de saturação iluminista também na área da CI, resultando na rejeição às tabelas de classificação, instrumentos que dão ao conhecimento científico rigidez e imutabilidade. Essa discussão inaugura a categoria *Modelos e paradigmas epistemológicos*, com o artigo de Campos (1986), voltado ao campo das chamadas linguagens documentárias. O uso dos tesaurus mostra a necessidade de maior agilidade nas linguagens documentárias, sem descartar, os elementos classificatórios, já que os tesaurus mais bem elaborados são verdadeiras classificações que não ousam dizer o próprio nome.

Outro tipo de polaridade é analisado por Areco (1989), que caracteriza os dois modelos epistemológicos, sistemismo e dialético, estabelecendo um confronto, a partir de suas distinções e similitudes para demonstrar que o modelo dialético é capaz de abarcar as contradições e aspirações do ser humano.

A fenomenologia e a hermenêutica, por sua vez, são analisadas como abordagens epistemológicas da CI por Marciano (2006), para quem, em sua patente interdisciplinaridade, a CI tangencia diversos domínios do conhecimento. Assim, o estudo do processo de representação requer um modelo capaz de analisar o conhecimento a partir de uma ótica isenta, independente do observador e do objeto de sua observação. A Fenomenologia pode interagir com as ciências cognitivas e com a CI, a qual analisa a informação registrada.

O paradigma interacionista e o processo de recepção midiática são discutidos por Silva (1998) a partir de seus fundamentos e dos resultados de algumas experiências latino-americanas na área de Educação face à mídia. Analisa ainda questões teóricas, epistemológicas e metodológicas referentes às mediações do processo de recepção midiática com a utilização dessa proposta.

As tendências epistemológicas na literatura das áreas de Comunicação e Educação e são estudadas por Mostafa e Máximo (2003), com base em citações bibliográficas dos trabalhos apresentados aos grupos de trabalho da Sociedade Interdisciplinar para os Estudos da Comunicação (Intercom) e da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Anped). Seus resultados apontam o humanismo e as teorias críticas da recepção na Intercom, enquanto na Anped o pós-estruturalismo parece ser a tendência dominante.

No mesmo ano, Mostafa (2003) realiza discussão comparativa das três correntes epistemológicas presentes na área de inter-relação entre a comunicação e a educação: o humanismo, o criticismo e o pós-estruturalismo.

As instituições, a ciência, o modo de produção e consumo geram a necessidade de construção de um novo paradigma civilizatório, pautado pela ética, e pela racionalidade ambiental. Vieira e Moraes (2003) analisam o contexto de exclusão e supõem como solução uma nova síntese epistemológica interdisciplinar, fruto da reformulação do saber, de uma visão holística e integradora do ambiente, orientado para a sustentabilidade ambiental.

O trabalho de Curras (2004) postula uma epistemologia baseada na informação, analisando as conotações físicas, psíquicas e pragmáticas da informação, seu valor como energia e questões como a evolução neuronal do ser humano, causada pela informação e outras teorias neuronais da informação, suas conotações e peculiaridades.

A natureza biológica do ser humano também é enfocada por Derqui (2005), pelo prisma do paradigma da complexidade da auto-organização em biologia, redimensionando a questão da informação, e suas conexões com o conhecimento, numa perspectiva epistemológica nova para a Ciência da Informação.

O referencial construtivista de Jean Piaget e suas contribuições para a formação e a prática docente são considerados sob o ponto de vista de estudantes de pedagogia, que

descrevem suas percepções sobre o estudo continuado da epistemologia genética (SARAVALLI, 2004).

Os novos paradigmas informacionais da ciência e da tecnologia são direcionados e caracterizados, segundo Le Coadic (2004), por cinco princípios científicos, adotados por alguns cientistas da informação. Objetados ou desvirtuados por outros, são estruturas intelectuais mais ou menos estabilizadas, às quais a explosão tecnológica agrega forte instabilidade.

Os fundamentos epistemológicos também são tratados como bases teóricas para a formulação, a implementação e o acompanhamento de políticas de informação. Marciano (2006) aponta o problema e propõe um modelo para a elaboração de políticas de informação baseando-se em fundamentos epistemológicos oriundos do contexto em que tais políticas se originam.

O jogo entre intenção e realização na psicanálise é estudado a partir da caracterização do ato intencional e de seu correlato psicanalítico, o ato falho, com exemplos dos impasses e desvios da obra freudiana, sustentando-se que seu legado é, em parte uma formação do inconsciente (PREU, CAMPOS, MARTINI, 2006).

Entre os artigos da categoria, predominam aqueles voltados à compreensão dos fundamentos da área de BCI, a partir do que, princípios científicos e abordagens são analisados, interpretados e criticados em sua evolução, simultaneamente a propostas que são lançadas.

3.4 Organização e representação do conhecimento

A oportunidade de indagar sobre as premissas epistemológicas implícitas na representação do conhecimento e o conhecimento da representação é levantada por González de Gomes (1993), como contribuição ao desenvolvimento da pesquisa na área, no contexto da emergência de novas tecnologias e do reaparecimento paradoxal de princípios antropológicos de interpretação do conhecimento e da informação.

A representação também é analisada em suas relações com a ontologia e a epistemologia em ensaio sobre as interfaces do fenômeno da cognição com a CI, cujo propósito é refletir sobre componentes do processo de representação de conhecimentos, com o surgimento e o desenvolvimento dos meios digitais. Discute questões como cognição, transdisciplinaridade, conceito como produto da representação primária e insumo para a representação secundária, novos espaços e métodos peculiares de representação do conhecimento (ALVARENGA, 2003).

A mesma relação é foco de análise sobre suportes ou instrumentos aos sistemas de recuperação ou troca de informação ou conhecimento, no contexto atual (MOREIRA, ALVARENGA, OLIVEIRA, 2004). São discutidos aspectos epistemológicos relacionados aos conceitos de tesouro e ontologia e as consequências do equívoco terminológico e da falta de entendimento sobre o que caracteriza cada uma das ferramentas.

Em quatro artigos, García Gutiérrez apresenta suas posições críticas sobre a organização do conhecimento em sua relação com a epistemologia.

No primeiro momento, após definir a indexação como um dos processos modulares da documentação, exposta tanto à interdisciplinaridade no plano epistemológico, quanto às manipulações ideológicas. Rejeita o modelo tradicional ou "coincidente" da indexação pelo continuísmo e propõe como alternativa a indexação vetorial, de projeção conceitual e resultado de uma cuidadosa análise documental (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1989).

No segundo momento, o autor focaliza a memória digital para dirigir sua crítica à redução progressiva dos meios aos objetos digitais. Defende a pesquisa em Organização do Conhecimento em uma posição pós-epistemológica, na qual a reflexividade e a complexidade devem comandar diretrizes e ações dos pesquisadores e profissionais, constituindo-se em uma

complexa rede de significados aberta para a instabilidade e a constante readaptação a "atratores culturais" (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2003).

O terceiro momento crítico refere-se à análise do conhecimento e de sua organização e à Epistemologia, vinculada ao conhecimento ordenado e elitista e alheia ao que é socialmente produzido, confinado às favelas do conhecimento. Ao propor a Epistemografia interativa, o autor destaca a necessidade de incorporar ao conhecimento e à sua organização as questões éticas, culturais e políticas pois ela acolhe o conhecimento excluído, devolvendo-lhe a legitimidade negada pelos processos convencionais de reconhecimento e ordenação (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006).

A relação da análise documentária com a terminologia é explorada por Nunes (2000). São realçadas as contribuições teóricas e/ou metodológicas da terminologia à análise documentária, ainda incipiente em seu estatuto epistemológico.

Uma concepção teórico-filosófica da informação, sob enfoque dialético, parte da alegoria platônica da caverna e evolui para a reflexão sobre as modificações trazidas pela disseminação do uso de computadores conectados ao ciberespaço. Na argumentação, assumem-se duas novas categorias: a 'dimensão', associada a conteúdos informacionais digitais, e a 'instância', relativa às tecnologias de acesso remoto digital. (SILVA, 2006).

Defendendo que o jornalismo produz uma representação e um sentido de mundo, Silva (2005) considera os fatos jornalísticos como formas epistemológicas de organizar o mundo, que reforçam contextos de modelos estabilizados e apresentam grande carga de indeterminação e ambigüidade nos relatos dos acontecimentos. Assume a teoria da indeterminação do significado como um espaço intrínseco à linguagem e cuja determinação de sentido é fruto de uma construção interativa e discursiva da realidade.

Por meio de um estudo sobre a trajetória do conceito de classificação de documentos de arquivo, Sousa (2006) acompanha seu desenvolvimento na literatura e no pensamento arquivístico. Argumenta que os vários momentos da classificação de documentos arquivísticos refletem o clima epistemológico da época em que foram criados e aplicados.

3.5 Pesquisa e metodologia científica

Em três artigos relacionando os temas pesquisa e metodologia, são apresentadas questões pertinentes à epistemologia e aspectos conexos.

Gasparoto (1993) discute a ciência e o lugar que ela ocupa na sociedade atual, enfocando a investigação científica em seus múltiplos aspectos e sua importância para o desenvolvimento da ciência e destacando a necessidade da disciplina metodologia nos currículos dos cursos de Biblioteconomia.

A metodologia da pesquisa é definida por González de Gomes (1999) como o início e orientação de um movimento de pensamento cujo esforço e intenção direcionam-se à produção de um novo conhecimento, num horizonte de possibilidades sociais e historicamente definidas.

Se as estratégias metodológicas definem-se em horizontes concretos de possibilidades políticas e epistemológicas, os programas de pesquisa em Ciência da Informação, devido a sua filiação às Ciências Sociais, são duplamente afetados pela configuração social dos regimes de informação. Defende-se que a direção e as perspectivas de uma Sociedade da Informação impõem o desafio de grandes projetos orientados por missão, para sustentar processos intensivos de inovação informacional e ações inclusivas de cidadania informacional e identificação cultural. (GONZÁLEZ DE GOMES, 2000).

3.6 Teoria do Conhecimento

A distinção inicial, decorrente da posição que se tomou neste estudo, distingue a teoria do conhecimento, identificando-a de modo a perceber as nuances diferenciadoras entre os conceitos de epistemologia e teoria do conhecimento. Essa distinção é perceptível no primeiro

artigo que trata especificamente do tema, ao analisar a produção científica em Biblioteconomia, com referência à teoria do conhecimento dentro da relação sujeito/objeto (MOSTAFA, 1983).

Por sua vez, o artigo de Hitomi (1996) enfoca as formas sociais da consciência, como senso comum, bom senso, folclore, religião, ideologia e filosofia, analisando-as como parte de uma teoria do conhecimento de acordo com o pensamento de Antonio Gramsci. Essas formas facilitam a compreensão da ideologia como o terreno onde os homens adquirem consciência dos conflitos sociais e lutam para resolvê-los.

Com o propósito de discutir algumas questões levantadas por Habermas em *Conhecimento e Interesse, O discurso filosófico da modernidade* e *Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios prévios*, Medeiros e Marques (2003) refletem sobre questões sobre teoria do conhecimento e filosofia, relacionadas à concretização do projeto de modernidade. Consideram inegável a contribuição de Habermas para a teoria do conhecimento, a compreensão das sociedades capitalistas avançadas e a radicalização de uma razão que se faz fundamentalmente emancipatória.

3.7 Epistemologia da Complexidade

Ao tratar especificamente sobre a epistemologia da complexidade, Francelin, em dois artigos que se completam (2003 e 2005), destacou essa abordagem, realizando, no primeiro, uma contextualização da ciência no século XX, enfocando seus princípios básicos de construção. Apresentando o pensamento complexo moriniano, o autor utiliza como justificativa o pressuposto de "instinto formativo" bachelardiano para tentar aproximar a ciência da informação da chamada "ciência nova".

Apresenta, no segundo texto, uma revisão das distintas concepções de epistemologia, abordando sua estrutura enquanto campo de investigação e disciplina do conhecimento, chegando ao seu desdobramento em epistemologias. Argumenta que a epistemologia da complexidade comporta e é comportada por essas epistemologias, a partir de Bachelard e Morin.

3.7 Epistemologia Social

Ainda na década de 1970, Shera apresenta o artigo “Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia” (1977), afirmando que a história registrada do pensamento sugere o aumento em volume e complexidade do conhecimento humano, tendendo à interdependência e à fragmentação. Uma nova disciplina - a epistemologia social – pode superar essa condição especialmente pela afinidade com a biblioteconomia e com a semântica geral, também altamente interdisciplinares.

O tema epistemologia social é retomado como proposta e seu enfoque atenta para as determinações epistêmicas que o paradigma moderno possibilita em relação às construções sócio-históricas em torno dos arrolamentos de poder no âmbito da escola e da Educação Física. Prioriza o diálogo com Thomas Popkewitz e Michel Foucault, sobre os temas *epistemologia social e relações de poder*, respectivamente. (ZOBOLI; SILVA e BORDAS, 2006)

O resultado da categorização dos artigos favoreceu, como se percebe, as atividades de análise e interpretação, tornando possível a visualização do mosaico temático, diversificado e rico em objetos, questões e propostas, mas cujo sentido é encontrado na estrutura em rede de construções que se impõem na trajetória histórico-científica.

Enfocando-se a relação percentual tema/artigo entre as revistas, percebe-se um peso mais significativo na revista *Transinformação*, com 16 textos, conforme Gráfico 2, destacando-se com 4,8% do total publicado voltado ao tema Epistemologia. Além da vocação da revista, que traz artigos sobre as interfaces entre as áreas de ciência da informação,

tecnologia da informação, linguística e semiótica, deve-se considerar a afirmativa de Castro (2006) que a considera a revista mais eclética entre as históricas, na medida em que procura publicar temas variados. Além disso, se analisada a evolução do corpo docente do curso de pós-graduação e do corpo editorial que estimulam a revista, pode-se perceber a efetiva contribuição de membros cujas linhas de pesquisa voltam-se às questões filosóficas, entre outras mobilizadoras de seus trabalhos.

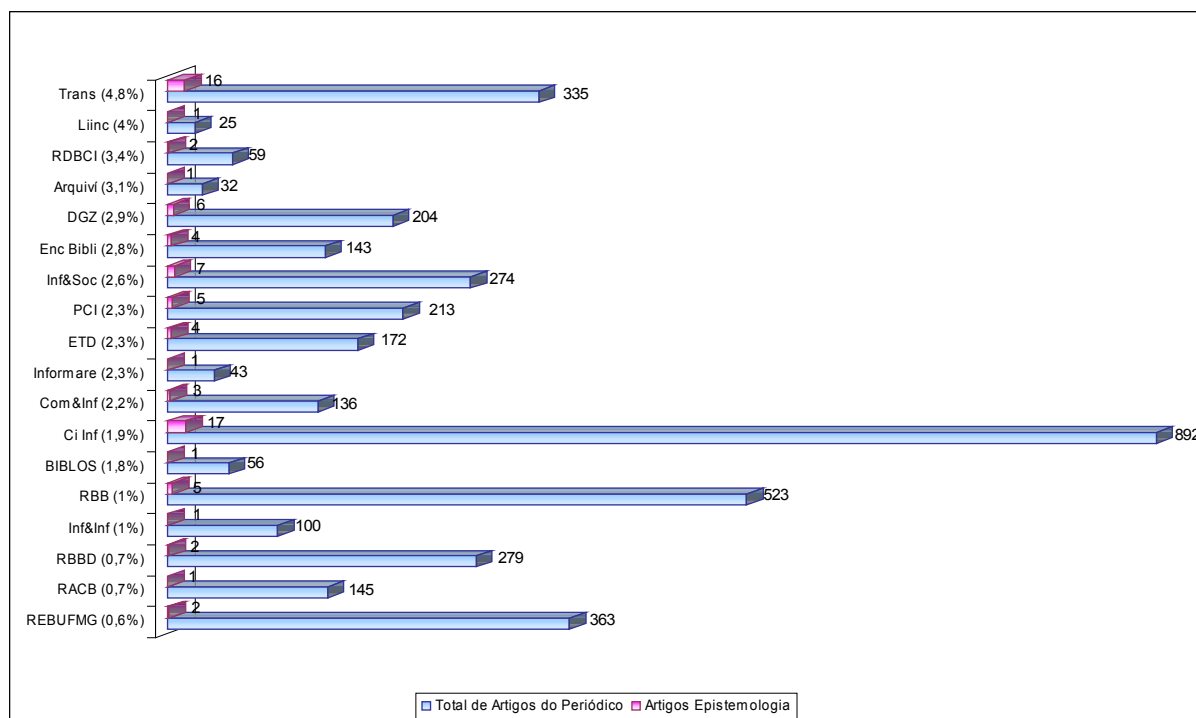


Gráfico 2 – Distribuição de artigos sobre epistemologia nos periódicos brasileiros de CI
Fonte: A autora de acordo com a base BRAPCI

Outra possibilidade de análise aproveitada para este estudo foi a evolução anual dos artigos, desde a primeira publicação sobre o tema, em 1972, até o final do ano de 2006. Percebe-se um movimento ascendente bastante intenso no ano de 2003, com 16% dos artigos, decrescendo em 2004 e 2005, para aumentar novamente em 2006, com 14,8% em relação ao período total. Não por coincidência, é no final da década de 1990, quando Zandonade (1999) descreve a origem do Grupo 8 - *Epistemologia*, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, que inicia esse processo de crescimento do tema como objeto de reflexão. A leitura do artigo confirma a possibilidade de, na produção científica, uma tendência, ao mesmo tempo poder ser causa ou instituinte de uma formação ou evento e ao mesmo tempo ser influenciada pelo instituído, como se observa no caso de ciclos contínuos de transformação.

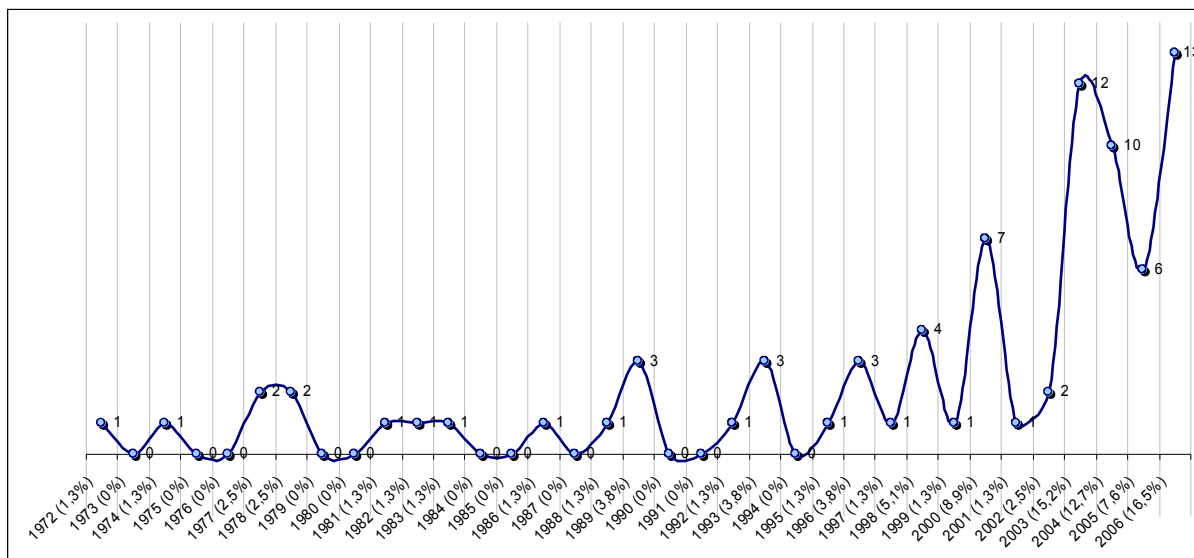


Gráfico 3 – Distribuição de artigos sobre epistemologia por ano

Fonte: A autora de acordo com a base BRAPCI

4 Considerações finais

A partir da análise de conteúdo dos temas relacionados ao conceito de epistemologia, foram organizadas categorias mais abrangentes, destacadas no estudo por ordem decrescente de sua presença no *corpus*: Epistemologia da Ciência da Informação; Ciência: natureza e filosofia; Modelos e paradigmas epistemológicos; Organização e Representação do Conhecimento; Pesquisa e metodologia científica; Teoria do Conhecimento; Epistemologia da Complexidade e Epistemologia Social. Percebe-se assim que a distinção inicial aqui defendida entre epistemologia e teoria do conhecimento permeia a literatura científica da área que, por sua vez, explora interfaces do fenômeno da cognição com as disciplinas da área de BCI.

Se considerada a tipologia de Japiassu, nota-se o predomínio da *epistemologia particular* que considera um campo específico do saber, quer seja especulativo, quer científico, nesse caso a área de BCI, embora estudos sobre a epistemologia geral também se façam presentes, especialmente nos artigos relativos às categorias *Ciência: natureza e filosofia* e *Modelos e paradigmas epistemológicos* que tratam do saber científico globalmente considerado. Encontram-se também, no conjunto dos artigos aqueles classificáveis como epistemologia *específica*, que levam em conta as disciplinas intelectualmente constituídas em unidades definidas do saber.

Percebe-se, também, que foram as revistas propriamente denominadas de científicas as que se destacaram em números absolutos, lideradas pela *Transinformação*, apresentando expressiva produção sobre o tema, entre as dezoito que o enfocaram. Foi elaborado um índice dos textos pesquisados que, juntamente com o material coletado, poderá contribuir como banco de dados, do referencial de pesquisadores, ligados a diversas áreas do conhecimento, com interesse em estudar o tema epistemologia e seus múltiplos subtemas.

Pode-se afirmar que os estudos analisados contribuem para o reconhecimento das peculiaridades, problemas, objetos e opções metodológicas, como a desafiar a necessária crítica do conhecimento na área. A reflexão sobre as revistas especializadas permite e justifica análises, interpretações e apreciações criteriosas, fundamentadas em aspectos relevantes do contexto e das condições materiais em que se realizam as pesquisas. Especialmente pela posição que assumem e pelos fundamentos epistemológicos que vêm a influenciar processos de reconhecimento, avaliação ou decisões por mérito acadêmico, esses estudos reforçam seu

valor, além de proporcionar a visibilidade da produção científica na área de BCI. A pluralidade evidenciada diz bem da riqueza de seu domínio científico como objeto de estudo e de seu potencial de pesquisas. Convergem para esse domínio esforços investigativos os mais variados, do que resulta um expressivo mosaico de estudos e enfoques. Entretanto, conforme as evidências da análise, há forte interligação e identificação entre as categorias, resultantes da aproximação natural entre disciplinas, objetos e enfoques e facilitada pela raiz comum da Ciência da Informação. Essa interligação, entretanto, mais do que aproximar teoricamente, deve ser motivo para o exercício da crítica e do diálogo.

Constata-se que, especialmente nas três últimas décadas, houve uma ampliação de artigos sobre o tema epistemologia e que, apesar da diversidade de temas, o conceito de interdisciplinaridade permeia todas as categorias de análise. Da mesma forma, a abordagem histórica se firma, como para comprovar a necessidade de estudos sobre a evolução dos eventos, personagens e contextos sócio-históricos, imprescindíveis para a melhor compreensão do presente e, de modo especial, para facilitar o entendimento da própria ciência que se produz. São essas motivações que direcionam o olhar àquelas publicações que, embora não inseridas na lista Qualis, apresentam o valor histórico para o inventário necessário à consolidação de um domínio.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

BARRETO, A. A. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 27, n. 2, p. 122-127, maio/ago. 1998. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/include/getdoc.php?id=694&article=378&mode=pdf>>. Acesso em 26 jun. 2006.

BASE BRASILEIRA DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Curitiba: DECIGI/UFPR. 2000-. 1 CD-ROM.

BLANCHÉ, R. **L'épistémologie**. Paris: *Presses Universitaires de France*, 1972.

CASTRO, C. A. O periódico no campo da biblioteconomia no Brasil: possibilidades para um fazer historiográfico. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 9-15, jan./abr., 2006.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2003.

LLOYD, C. **As estruturas da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1994. (Biblioteca del Libro, 62).

SCHRADER, A. M. Two domain of information science: problems in conceptualization and in consensus-building. **Information Services & Uses**, North-Holland, v. 6, p. 169-205, 1986.

Apêndice – Referências dos artigos analisados

Nº.	REFERÊNCIAS DOS ARTIGOS ANALISADOS
1	ALVARENGA, L. Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault – traços de identidade teórico-metodológica. Ci. Inf. , Brasília, v. 27, n. 3, p. 253-261, 1998.
2	ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf. , Florianópolis, n. 15, p. 18-40, 2003.
3	ANDRADE, A. M. C. de; METCHKO, Dulce Maria Bastos; SOLLA, S. R. de C. Algumas considerações acerca da situação epistemológica da Biblioteconomia. R. Escola de Bibliotecon. UFMG , Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 153-162, 1981.
4	ARAÚJO, E. A. de. Por uma ciência formativa e indiciária: proposta epistemológica para a ciência da informação. Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf. , Florianópolis, n. esp., p. 1-14, 2006.
5	ARECO, A. M. B. Sistemismo x dialética: uma questão de diferenciação de propostas. Transinfo. , Campinas, v. 1, n. 2, p. 195-203, 1989.
6	ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. Ci. Inf. , Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.
7	BRAGA, G. M. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. Ci. Inf. , Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 155-177, 1974.
8	BUFREM, L. S. Levantando significações para significantes: da gestão do conhecimento à organização do saber. Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf. , Florianópolis, n. esp., p. 1-10, 2004.
9	CAMPESTRINI, D.; VANDRESEN, V.; PAULINO, L. Interdisciplinaridade: a filosofia como instrumento de diálogo entre as ciências. Revista ACB , Florianópolis, v. 5, n. 5, 2000.
10	CAMPOS, A. T. Linguagens documentárias. R. Bibli. Brasília , Brasília, v. 14, n. 1, p. 85-88, jan./jun. 1986.
11	CAMPOS, L. F. de B.; VENÂNCIO, L. S. O objeto de estudo da Ciência da Informação: a morte do indivíduo. Inf. Inf. , Londrina, v. 11, n. 1, jan./jun. 2006.
12	CAVALCANTI, C. R. A interface da pesquisa científica com os sistemas gerais de informação. R. Bibliotecon. Brasília, Brasília , v. 10, n. 1, p. 65-68, jan./jun. 1982.
13	CINTRA, A. M. M. Subjetividade e interdisciplinaridade na Biblioteconomia. Transinfo. , Campinas, v. 8, n. 3, p. 32-43, 1996.
14	CURRÁS, E. Informacionismo: teorías neuronales de información. Inf. & Soc.: Est. , João Pessoa, v. 14, n. 2, 2004.
15	DERQUI, P. M. O paradigma biológico do conhecer e a questão da informação. DataGramaZero , Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, dez. 2005.
16	DUMONT, L. M. M.; BRUNO, P. P. C. Ciência da Informação e oportunidade de diálogo intertemático: onde nem tudo é relativo e nem (absolutamente) racional. Perspec. Ci. Inf. , Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 28-39, jan./jun. 2003.
17	ESMERALDO, G. G. S. L. Falando de gênero para informar e formar consciências. Inf. & Soc.: Est. , João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 68-78, 1997.
18	FIGUEIREDO, L. C. Convergências e divergências: a questão das correntes de pensamento em Psicologia. Transinfo. , Campinas, v. 4, n. 1/2/3, p. 15-26, 1992.
19	FRANCELIN, M. M. A epistemologia da complexidade e a ciência da informação. Ci. Inf. , Brasília, v. 32, n. 2, p. 64-68, 2003.
20	FRANCELIN, M. M. Abordagens em epistemologia: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. Transinfo. , Campinas, v. 17, n. 2, p. 101-109, 2005.
21	FRANCELIN, M. M. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. Ci. Inf. , Brasília, v. 33, n. 3, p. 26-34, 2004a.
22	FRANCELIN, M. M. Configuração epistemológica da Ciência da Informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. Ci. Inf. , Brasília, v. 33, n. 2, p. 49-66, maio/ago. 2004b.
23	FREIRE, G. H. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. Perspec. Ci. Inf. , Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, 2006.
24	FREIRE, I. M. A responsabilidade social da Ciência da Informação na perspectiva da consciência possível. DataGramaZero , Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2004.
25	FREIRE, I. M. O olhar da consciência possível sobre o campo científico. Ci. Inf. , Brasília, v. 32, n. 1, p. 50-59, jan./abr. 2003.
26	FREITAS, L. S. de. Entre o público e o privado: trajetos temático-discursivos da área de informação. Inf. & Soc.: Est. , João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 2004.
27	FREITAS, M. H. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. Ci. Inf. , Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, 2006.
28	GALVÃO, M. C. B. Construção de conceitos no campo da ciência da informação. Ci. Inf. , Brasília, v. 27, n.

	1, p. 46-52, jan./abr. 1998.
29	GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Científicamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. Transinfo. , Campinas, v. 18, n. 2, p. 103-112, 2006.
30	GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Connotaciones lingüísticas para una teoría de la documentación. R. Bras. Bibliotecon. e Doc. , São Paulo, v. 21, n. 1-2, p. 9-20, jan./jun. 1988.
31	GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Proyectar la memoria: del ordo nacional a la reapropiación crítica. Transinfo. , Campinas, v. 15, n. 1, p. 7-30, 2003.
32	GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Teoría de la indización: nuevos parámetros de investigación. Transinfo. , Campinas, v. 1, n. 2, p. 147-159, 1989.
33	GASPAROTO, J. W. Ciência e investigação: considerações gerais. R. Bras. Bibliotecon. e Doc. , São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 55-63.
34	GONZÁLEZ DE GÓMES, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. Ci. Inf. , Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, 1993.
35	GONZÁLEZ DE GÓMES, M. N. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. R. Bibliotecon. Brasília , Brasília, v. 23-24, n. 3, p. 333-346, 1999.
36	GONZÁLEZ DE GÓMES, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. DataGramaZero , Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, 2000.
37	GONZÁLEZ DE GÓMES, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. Perspec. Ci. Inf. , Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001.
38	HITOMI, A. H. As formas sociais da consciência: o pensamento de Antonio Gramsci. Transinfo. , Campinas, v. 8, n. 1, p. 31-51, 1996.
39	LE COADIC, Y. F. Princípios científicos que direcionam a ciência e a tecnologia da informação digital. Transinfo. , Campinas, v. 16, n. 3, p. 205-213, 2004.
40	MARCIANO, J. L. P. Abordagens epistemológicas à Ciência da Informação: Fenomenologia e Hermenêutica. Transinfo. , Campinas, v. 18, n. 3, p. 181-190, 2006.
41	MARCIANO, J. L. P. Bases teóricas para a formulação de políticas de informação. Inf. & Soc.: Est. , João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 35-53, jul. 2006.
42	MATHEUS, R. F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. Perspec. Ci. Inf. , Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 140-165, jul. 2005.
43	MEDEIROS, A. M. S. de; MARQUES, M. A. de R. B. Habermas e a teoria do conhecimento. Educação Temática Digital , Campinas, v. 5, n. 1, p. 1-24, 2003.
44	MORAES, A. F. de. Os pioneiros da Ciência da Informação nos EUA. Inf. & Soc.: Est. , João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 101-124, 2002.
45	MORAES, M. O. O conceito de rede na filosofia mestiça. Informare , Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 12-20, jan./jun. 2000.
46	MOREIRA, A.; ALVARENGA, L.; OLIVEIRA, A. de P. O nível do conhecimento e os instrumentos de representação: tesouros e ontologias. DataGramaZero , Rio de Janeiro, v. 5, n. 6, 2004.
47	MOREIRO-GONZÁLEZ, J. A. Aproximación histórica al conocimiento de la comunicación. Transinfo. , Campinas, v. 1, n. 3, p. 93-108, 1989.
48	MOREL, C. M.; MOREL, R. L. de M. Estudo sobre a produção científica brasileira, segundo os dados do ISI. Ci. Inf. , Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 79-83, 1978.
49	MOREL, R. L. de M.; MOREL, C. M. Um estudo sobre a produção científica brasileira, segundo os dados do <i>Institute for Scientific Information (ISI)</i> . Ci. Inf. , Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 99-109, 1977.
50	MOSTAFA, S. P. A produção de conhecimentos em biblioteconomia. R. Bibliotecon. Brasília , Brasília, 1983 Jul-1983 Jul 31; v. 11(n. 2):p. 221-229.
51	MOSTAFA, S. P. Catálogos, dispositivo de interpelação? Perspec. Ci. Inf. , Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 180-187, jul./dez. 2003.
52	MOSTAFA, S. P.; MÁXIMO, L. F.. A produção científica da Anped e da Intercom no GT da Educação e Comunicação. Ci. Inf. , Brasília, v. 32, n. 1, p. 96-101, jan./abr. 2003.
53	MOSTAFA, S. P.; MOREIRA, W. Referenciais teóricos da área de informação: sobre Isa e Vânia para os professores da ABEBD. Transinfo. , Campinas, v. 11, n. 1, p. 16-26, jan./abr. 1999.
54	MOSTAFA, S. P.; MURGUIA MARAÑÓN, E. I. Reply to Alvin Schrader on the domains of the Information Science. Transinfo. , Campinas, v. 5, n. 1/2/3, p. 31-42, 1993.
55	NEHMY, R. M. Q.; PAIM, I. A desconstrução do conceito de “qualidade da informação”. Ci. Inf. , Brasília, v. 27, n. 1, p. 36-45, jan. 1998.
56	NUNES, C. O. I. A relação da análise documental com a terminologia. BIBLOS: R. Dpto. Bibliotecon. Hist. , Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 99-113. 2000.
57	ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. DataGramaZero , Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, 2004.

58	PATERNOSTRO, L. C. B. A explosão do filósofo e a obsessão de informação. DataGramaZero , Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, 2003.
59	PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. Inf. & Soc.: Est. , João Pessoa, v. 15, n. 1, 2005.
60	PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. Ci. Inf. , Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan. 1995.
61	POLKE, A. M. A. Relatório dos seminários do Curso de Metodologia do ensino em Biblioteconomia. R. Escola de Bibliotecon. UFMG , Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 149-200, mar. 1978.
62	POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. Liinc em Revista , Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 4-16, mar. 2005.
63	PREU, R. de O.; CAMPOS, É. B. V.; MARTINI, A. de. A psicanálise como formação do inconsciente: a dinâmica dos atos na obra de Freud. Educação Temática Digital , Campinas, v. 8, n. esp., 2006.
64	RENDÓN-RÓJAS, M. A. Hacia un nuevo paradigma en Bibliotecología. Transinfo. , Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, 1996.
65	RIECKEN, R. F. Frame de temas potenciais de pesquisa em Ciência da Informação. R. Digital de Bibliotecon. & Ci. Inf. , Campinas, v. 3, n. 2, p. 43-63, jan./jun. 2006.
66	SANTOS, R. N. M. dos. Indicadores estratégicos em ciência e tecnologia: refletindo a sua prática como dispositivo de inclusão/exclusão. Transinfo. , Campinas, v. 15, n. 3 esp., p. 129-140, 2003.
67	SANTOS, R. N. M. dos. Produção científica: por que medir? o que medir? R. Digital de Bibliotecon. & Ci. Inf. , Campinas, v. 1, n. 1, p. 22-38, jul. 2003.
68	SARAVALI, E. G. Contribuições da teoria de Piaget para a formação de professores. Educação Temática Digital , Campinas, v. 5, n. 2, p. 23-41, jun. 2004.
69	SHERA, J. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. Ci. Inf. , Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977.
70	SILVA, M. L. M. da. Educação face à mídia: interacionismo e mediações. Comun. & Inf. , Goiânia, v. 1, n. 2, p. 266-282, jul. 1998.
71	SILVA, M. O. da. Jornalismo e representação do mundo. Comun. & Inf. , Goiânia, v. 8, n. 1, p. 19-25, jan./jun. 2005.
72	SILVA, R. R. G. da. Informação, ciberespaço e consciência. Transinfo. , Campinas, v. 18, n. 3, p. 191-201, 2006.
73	SIRIHAL, A. B.; LOURENÇO, C. de A. Informação e conhecimento: aspectos filosóficos e informacionais. Inf. & Soc.: Est. , João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 67-92, 2002.
74	SOUSA, R. T. B. Classificação de documentos arquivísticos: trajetória de um conceito. Arquivística.Net , Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 120-142, 2006.
75	THIESEN, I. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis , p. 15-26, 2006.
76	VIEIRA, J. E. G.; MORAIS, R. P. de. A interdisciplinaridade na abordagem das questões ambientais. Comun. & Inf. , Goiânia, v. 6, n. 2, p. 31-47, 2003.
77	ZAHHER, C. R.; GOMES, H. E. Da Bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição. Ci. Inf. , Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-7, 1972.
78	ZANDONADE, T. Epistemologia da Ciência da Informação. R. Bibliotecon. Brasília , Brasília, v. 23-24, n. 3, 445-448, 1999.
79	ZOBOLI, F.; SILVA, R. I. da; BORDAS, M. A. G. Cisão corpo/ mente na escola: uma análise a partir da epistemologia social. Educação Temática Digital , Campinas, v. 8, n. 1, p. 13-32, 2006.

- ¹ Colaboraram no desenvolvimento da pesquisa as alunas do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná Tídra Viana Sorribas e Juliana Lazzarotto Freitas, bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). (E-mail: tidra@ufpr.br, julilazza@hotmail.com).
- ² Arquivo & Administração; Arquivística.net; BIBLOS: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História; Cadernos de Biblioteconomia; Ciência da Informação; Comunicação & Informação; DataGramaZero; Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS; Encontros Bibli; Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação; ETD - Educação Temática Digital; Inclusão Social; Infociência; Informação & Informação; Informação & Sociedade: Estudo; Informare - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Liinc em revista; Perspectivas em Ciência da Informação; Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina; Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação; Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG; Revista de Biblioteconomia & Comunicação; Revista de Biblioteconomia de Brasília; Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação; Revista do Departamento de Biblioteconomia e História; Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins e Transinformação.